



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Encontro Empresarial Brasil-Colômbia**

Bogotá-Colômbia, 19 de julho de 2008

...para que faça uma nova visita ao Brasil, e que possamos repetir uma reunião como esta, ou maior do que esta, entre empresários colombianos e brasileiros, quem sabe ainda este ano, para que não permitamos que os ânimos dos nossos empresários tenham uma recaída.

Seria extremamente importante, presidente Uribe, para que você pudesse ver de perto os investimentos da Ecopetrol em campos de exploração de petróleo. Em março de 2008, a Ecopetrol assinou seis contratos com a Agência Nacional para atividade de exploração no Brasil. Ela vai explorar próximo à Bacia de Campos, com a Petrobras e a Petrogal; vai explorar no Pará e no Maranhão, com a Petrobras e com a Vale do Rio Doce; e vai explorar na Bacia de Santos com a Petrobras.

Queira Deus que a Ecopetrol tenha a mesma sorte. Como está junto com a Petrobras deve ter a mesma sorte que a Petrobras está tendo, nos últimos dias, de encontrar petróleo e transformar o Brasil num país mais que auto-suficiente em petróleo. Portanto, o convite para que o companheiro Uribe visite o Brasil está feito publicamente, e depois eu o farei pessoalmente, no almoço.

Meus amigos e minhas amigas,

É com grande satisfação que volto a Bogotá e participo da abertura deste Encontro. O comércio entre o Brasil e a Colômbia tem crescido de forma extraordinária nos últimos anos. Aumentou três vezes e meia entre 2002 e 2007, saltando de 750 milhões de dólares para 2 bilhões e 700 milhões de dólares.

O superávit é favorável ao Brasil, o que nos tem levado a trabalhar para



equilibrar os fluxos comerciais. Os resultados já são visíveis: de janeiro a junho deste ano, as exportações colombianas para o Brasil cresceram mais de 140% em relação ao mesmo período de 2007.

Precisamos fazer muito mais. Temos que continuar identificando os produtos colombianos que possam ser exportados para o Brasil, mas que ainda não são conhecidos por nossos importadores e, muito menos, por nossos consumidores. Devemos promover outros encontros, como o de hoje, voltados para a criação de novas oportunidades e parcerias de negócios. Nós, governos, temos de facilitar os contatos e as iniciativas mas, em última análise, o trabalho de peso já está sendo feito pelos empresários colombianos e brasileiros.

Em 2007, as empresas brasileiras investiram aproximadamente 500 milhões de dólares na Colômbia. Os empresários brasileiros despertaram para o potencial econômico, para a diversidade da estrutura produtiva colombiana e para a posição estratégica deste país na região. Petrobras, Vale, Votorantim, Gerdau, Grupo Sinergy, Marcopolo, WEG Motores, Tramontina, Azaléia, Natura, Camargo Correa, Odebrecht, entre outros, são exemplos de empresas que estão apostando no mercado colombiano.

É sempre um orgulho para os brasileiros recordar que foi na Colômbia que a Petrobras iniciou sua trajetória internacional, em 1972. Outras empresas estão chegando, e certamente muitas outras empresas virão investir na Colômbia. A Vale abriu recentemente um escritório na capital colombiana. Um empresário brasileiro já administra a empresa de aviação da Colômbia. A Nova Varig restabeleceu seus vôos diários São Paulo-Bogotá.

Ao investirem na Colômbia, essas empresas contribuem para criar empregos, transferir tecnologia e aumentar a competitividade da economia colombiana. Cria-se, então, um círculo virtuoso. Investimentos atraem investimentos, que atraem mais investimentos. Aumentam as perspectivas de crescimento e equilíbrio do fluxo comercial entre a Colômbia e o Brasil. Nossas



cadeias produtivas ficam mais integradas e complementares.

Nosso grau de desenvolvimento semelhante torna os investimentos atraentes nos dois sentidos. A parceria do Brasil e Colômbia na área econômica e comercial vai muito além do âmbito bilateral. Estamos empenhados na criação de uma nova geografia econômica e comercial global mais igualitária nas negociações da Rodada de Doha da OMC. Trabalhamos juntos no G-20. Sabemos que o êxito da Rodada é fundamental para os países em desenvolvimento e para evitar uma recaída protecionista por parte de alguns de alguns países desenvolvidos.

Avançamos no processo de liberalização de barreiras tarifárias e não-tarifárias entre o Mercosul e a Colômbia, que tanto contribuiu para o aumento das trocas comerciais. Queremos superar os gargalos que impedem o pleno desenvolvimento e a vinculação entre nossas economias. Precisamos de mais estradas, aproveitar melhor nossos recursos energéticos e ter mais recursos financeiros para concretizar projetos necessários.

Por isso, juntamos nossos esforços na Unasul para levar adiante obras de infra-estrutura prioritárias para os nossos países. No caso da Colômbia, o Brasil financia integralmente a participação de suas empresas na construção da ferrovia do Carare, para transporte de carvão de alta qualidade.

Meus amigos e minhas amigas,

O mundo está testemunhando forte elevação dos preços do petróleo. Trata-se de um dos mais graves desafios do momento, por seu impacto inflacionário. Nossos países estão bem posicionados a enfrentá-lo graças ao uso de fontes alternativas de energia.

O Brasil, a despeito de sua auto-suficiência em petróleo e das grandes reservas que acaba de descobrir, quer cooperar como parceiro, com a Colômbia, na área dos biocombustíveis. Nossos países têm grande potencial nessa área e podem mostrar ao mundo, com exemplos práticos, as muitas vantagens desses combustíveis limpos e renováveis. Podemos provar seu



potencial de geração de renda e de empregos, de redução da dependência em relação a combustíveis fósseis, mais caros e poluentes. Podemos mostrar a contribuição que dão para reduzir as emissões de gás carbônico e diminuir os efeitos do aquecimento global.

Em novembro, o Brasil organizará, em São Paulo, uma conferência internacional sobre biocombustíveis. Já tive a satisfação de saber que a Colômbia confirmou sua presença em nível ministerial.

Meus amigos e minhas amigas,

Temos todas as condições para aproveitar o imenso potencial ainda inexplorado nas relações entre as nossas economias. Para tanto, os empresários brasileiros precisam tornar-se, cada vez mais, sócios da Colômbia e os empresários colombianos, cada vez mais, sócios do Brasil. Venho aqui para reafirmar que o governo brasileiro fará tudo ao seu alcance para facilitar o vosso trabalho e ajudar no que for possível.

Meu caro companheiro Uribe,

Meus caros companheiros empresários,

Eu falei um pouco com a formalidade que a função de Presidente exige, e agora vou falar um pouco do que meu coração sente, nesta relação Brasil e Colômbia.

Primeiro, companheiro Uribe, quero deixar de público, aqui, o apreço que o meu país tem pela Colômbia e o apreço que o presidente do Brasil tem pela figura do presidente Uribe.

Eu aprendi, ao longo da minha experiência política, que entre relações de Estado não pode existir viés ideológico. Não se trata de uma relação pessoal entre o presidente Lula e o presidente Uribe. Trata-se de uma relação que deve ser definitiva entre o Estado brasileiro e o Estado colombiano, que perpassa os mandatos dos presidentes porque os tratados e os acordos não são feitos para os presidentes, apesar de serem feitos por eles. São feitos para o povo dos países que representamos, e o povo de cada país é, eu diria,



infinito.

Quero dizer para você, meu caro amigo Presidente, que eu não apenas acredito na integração da América do Sul. Eu trabalho 24 horas por dia para que possamos quebrar todas as barreiras existentes entre nós, todos os preconceitos culturais e históricos, todas as divergências que muitas vezes foram criadas entre os diferentes países da América do Sul e da América Latina.

E falo isso pelo Brasil, para não falar dos outros países. Durante muito tempo, o meu país esteve de costas para a América do Sul, esteve de costas para a América Latina, e estávamos olhando muito o mercado norte-americano e o mercado europeu.

Lembro-me como se fosse hoje, companheiro Uribe, do dia 25 de janeiro de 2003, quando numa viagem para participar do encontro de Davos, eu disse ao meu companheiro Celso Amorim que era preciso fazer uma inversão na lógica comercial do mundo a partir de uma inflexão que os países da América do Sul tinham que fazer.

Não que nós devêssemos diminuir as nossas relações com os parceiros americanos ou com os parceiros europeus. O Brasil não vai abrir mão da sua boa relação com os Estados Unidos e com a União Européia, e jamais o Brasil pedirá para que algum país não tenha uma boa relação com os Estados Unidos e com a União Européia. Cada país tem o direito de fazer o acordo que bem entender, até porque isso é uma decisão soberana de cada país.

Mas não é justo que nós não tenhamos o esforço, ou que não façamos o esforço para descobrir entre nós os nichos de oportunidade que podem favorecer as economias de todos os países da América do Sul, que podem favorecer o crescimento econômico dos países da América do Sul, que podem fortalecer os empresários dos países da América do Sul, e falando aqui da Colômbia, que pode fortalecer os empresários colombianos e os empresários brasileiros.



Eu – e os empresários brasileiros que estão aqui sabem disso – tenho dito, alto e bom som, que a boa política comercial é como se fosse uma rodovia de duas mãos: a gente tem que vender, mas a gente tem que comprar, porque não é prudente, do ponto de vista das relações comerciais, um país ter um forte superávit comercial em relação a outro país. O equilíbrio é que permite que essas relações sejam duradouras e sejam quase eternas.

Às vezes eu me pergunto, presidente Uribe: por que quando Deus fez o mundo e distribuiu os continentes, colocou-nos tão perto um do outro, grudados umbilicalmente, como se fôssemos gêmeos? Mil e seiscentos quilômetros de fronteira. Possivelmente, nós temos de fronteira mais quilômetros do que muitos países têm, na totalidade, de território. E por que durante muito tempo nós não aproveitamos essa oportunidade geográfica que Deus nos deu quando fez o mundo? É porque, historicamente, nós nascemos desconfiando de nós mesmos. De um lado, os espanhóis, de outro lado os portugueses, cada um querendo dividir o continente e cada um jogando desconfiança contra o outro. Alguns presidentes de países da América do Sul com quem eu conversava no começo do mandato, diziam para mim: “Nós fomos, praticamente, educados a ter medo do imperialismo brasileiro”.

O incompreensível para mim é como é que um empresário sul-americano tem medo do imperialismo brasileiro e não tem medo do imperialismo americano, do imperialismo, eu diria, europeu, ou de qualquer outro imperialismo? É porque por detrás disso estava colocada também uma divergência geopolítica, uma divergência, eu diria, até na esfera militar, que durante tanto tempo nos colocou de sobreaviso contra o outro.

Eu penso que o mundo hoje exige que não exista pequenez política entre os iguais, e nós precisamos procurar novos parceiros em todos os lugares do mundo, porque precisamos diversificar, quanto mais melhor, as nossas relações comerciais, para que não fiquemos dependentes apenas de um único parceiro. Quanto mais parceiros, menos nós sofreremos os efeitos de



crises, como sofremos na década de 90, com a crise asiática.

Pois bem, nós agora estamos, em Genebra, negociando a Rodada de Doha da OMC, e o jogo está muito claro: de um lado, países como Colômbia e Brasil, que fazem parte do G-20, estão a exigir que não apenas a Europa diminua os subsídios agrícolas, como flexibilize o seu mercado agrícola para os países mais pobres e os países em desenvolvimento. Queremos que os Estados Unidos diminuam os seus subsídios, e queremos que diminuam muito. Embora na Rodada do Uruguai, me parece que os Estados Unidos tinham permissão de um subsídio de 40 bilhões de dólares, eles hoje estão praticando 8, mas discute-se que eles querem manter o subsídio de 13. É uma coisa quase que incompreensível alguém que pratica 8 querer diminuir, voltando para 13. Mas, ao mesmo tempo, nós temos que saber que se os alimentos voltam a ter uma subida no mercado internacional, cada país vai ter que fazer um rearranjo interno.

E eles estão a exigir de nós, presidente Uribe, que flexibilizemos nos produtos industriais. Nós estamos dispostos a flexibilizar, sabendo que existe diferença entre os países da América do Sul e os países do G-20, mas sabendo também que a nossa flexibilização não pode colocar em risco a possibilidade de desenvolvimento industrial que nós temos agora. Queremos negociar, mas não queremos impedir que os nossos países tenham a chance de se desenvolver, no século XXI, como os outros países fizeram no século XX.

Eu estou esperançoso. Possivelmente eu seja o mais otimista dos presidentes que estão negociando, e vou continuar otimista até terminar este mês, para saber se foi possível ou não fazer um acordo que possa permitir que os países pobres tenham uma chance melhor no comércio internacional. Até porque agora nós estamos vivendo um outro problema: o problema da imigração. Nós estamos vendo, pela imprensa, leis sendo aprovadas no Parlamento europeu, e em alguns países individualmente, criando cada vez



mais dificuldades para o trânsito de latino-americanos e de africanos. É como se aqui na Colômbia ou no Brasil, uma família, por ter ficado melhor de vida, não quisesse mais receber os seus parentes pobres.

Temos como exemplo o tratamento que nós, latino-americanos, colombianos, brasileiros, demos aos migrantes de outros países. Nós os recebemos com alma, eles fazem parte de nosso país, ajudaram a construir o nosso país. A única coisa que queremos exigir é que o tratamento aos nossos irmãos seja o mesmo que nós demos a eles quando vieram para cá, não-ricos. Vieram pobres porque, no começo do século passado, eles eram tão pobres como muitos países hoje, ainda, na América do Sul.

Outro assunto importante, presidente Uribe, que está a exigir de nós uma decisão urgente, é a questão do preço do petróleo, do preço dos alimentos e da volta da inflação. Na reunião do G-8 que eu participei, em Hokkaido, no Japão, eu disse aos presidentes, ao presidente do Banco Mundial, ao secretário-geral das Nações Unidas e ao presidente do FMI que estava na hora de essas reuniões, em que participam presidentes de países muito importantes, que esses organismos multilaterais prestassem contas à humanidade sobre o aumento do preço do petróleo, qual a explicação. Antes tinha uma explicação simplista que dizia: é o aumento de consumo da China. Mas agora nós sabemos que existe a mesma quantidade de barris de petróleo na exploração do mercado futuro e no consumo da China.

A mesma coisa está acontecendo com os alimentos. Por que os alimentos subiram tanto? Ninguém quer discutir os efeitos do preço do petróleo nos alimentos. No Brasil, por exemplo, o petróleo tem uma incidência de 30% no custo da agricultura brasileira, e isso porque nós somos auto-suficientes. Eu fico imaginando os países que não o são, porque tem incidência nos fertilizantes, no frete e na energia.

Da mesma forma que ninguém quer discutir hoje a exploração, no mercado futuro também, de alimentos. No Brasil, nós temos empresários



vendendo hoje o milho que vão plantar em 2010, ou seja, nem sabem se vão plantar, mas já está vendido, já fez *hedge*. Obviamente que o preço futuro vai sendo colocado no preço presente, e quem paga por isso, normalmente, é a parte mais pobre da população porque a inflação bate muito mais pesado nas camadas mais pobres de cada país.

Esse é um desafio, presidente Uribe. Quando a inflação é mundial, não tem solução caseira. Quando a inflação é de commodity, não tem solução nacional. É preciso que se encontrem medidas globais para resolver um problema global.

No Brasil, nós tomamos algumas medidas: vamos intensificar a produção agrícola; vamos dobrar, até 2010, um programa muito forte para a agricultura familiar; fizemos um programa de financiamento de 60 mil tratores, até 2010, para a agricultura familiar; e queremos ver se não sofreremos o problema dos alimentos.

Mas é preciso saber se são apenas os alimentos que são commodities, que estão subindo. Na verdade, tem um monte de ingredientes que nós não podemos perder de vista, que eu acho que é um fenômeno também aqui, na Colômbia, e é no Brasil: os pobres do nosso país começaram a comer, começaram a ter acesso a alimentos. No Brasil, presidente Uribe, na região mais pobre do Brasil, que é o Nordeste brasileiro, a desnutrição infantil teve uma queda de 74%. Isso significa que o povo está comendo mais pão, mais leite, mais arroz, mais carne. E nós não temos o direito de permitir que, por conta de especulação financeira – eu diria, especulação global –, o sonho de crescimento da Colômbia, que o sonho de crescimento do Brasil, que o sonho de crescimento da Argentina e dos países que sofreram grandes revezes nas últimas três décadas... que esses países tenham o seu crescimento impedido porque algum país rico, alguns bancos, ou alguns países resolveram fazer da sua economia um verdadeiro cassino, como foi o caso do *subprime* nos Estados Unidos.



Os países ricos não têm o direito de jogar nas costas dos países mais pobres o pagamento de uma conta que nós não fizemos. Portanto, não poderemos ver truncar a possibilidade de crescimento que o nosso país tem.

Neste momento, Uribe, eu tenho pedido aos meus companheiros da área econômica: neste momento não tem medida mágica. O consumo no Brasil, no comércio varejista, cresceu 10,2% este ano, no primeiro semestre, se comparado ao ano passado. O consumo da população, da família, está crescendo muito. Eu fico feliz, e acho prazeroso quando vejo que as famílias estão podendo consumir mais comida, mais roupa, mais sapato e, no caso do Brasil, até mais carro. A indústria automobilística que está no Brasil desde 1956, nunca teve a situação privilegiada que tem hoje. Nunca se vendeu tanto carro no Brasil e nunca se gerou tanto emprego também, naquele país. E nós não queremos perder essa oportunidade.

Tivemos sorte, presidente Uribe, de encontrar petróleo. Eu disse noutro dia que Deus, numa viagem pela América do Sul, acho que deu uma parada no Brasil e permitiu que nós pudéssemos encontrar, a 6 ou 7 mil metros de profundidade, uma grande reserva de petróleo que vai colocar o Brasil entre os grandes países produtores de petróleo do mundo. Nós já tomamos uma decisão: não queremos ser exportadores de óleo cru, queremos exportar derivados de petróleo.

Por isso, já tomamos a decisão de construir uma refinaria no estado do Maranhão, de 600 mil barris/dia, para produzir gasolina *premium* e exportar para os países que quiserem comprar gasolina de melhor qualidade. Da mesma forma que vamos fazer outra, de 300 mil barris, no estado do Ceará. Um investimento de 19 bilhões de dólares, a de 600 mil barris/dia, e a outra com um investimento de 11 bilhões de dólares, para que a gente possa fazer desse petróleo uma forma de melhorar a vida da parte pobre da população que não teve chance no País durante tantas e tantas décadas.

Ao mesmo tempo, nós estamos trabalhando para conter a inflação. Eu



tenho dito aos meus ministros que a única coisa que não pode acontecer, num momento como este, é alguém ficar nervoso e tomar medidas precipitadas.

Eu vou repetir uma coisa que tenho dito ao longo do meu mandato: em momentos de crise, a palavra mágica é paciência, para tomar as decisões corretas, na hora certa, pensadas e repensadas, ouvindo muita gente. Se nós permitirmos que a inflação volte, certamente estaremos colocando quase um muro na possibilidade de os pobres do nosso continente conquistarem a sua cidadania.

Por último, quero dizer ao presidente Uribe que quando eu penso no crescimento do Brasil, quando penso no crescimento da política de biocombustíveis, quando penso no crescimento da política e da indústria petroleira no Brasil... O Brasil, por exemplo, Uribe, vai ter que contratar 38 plataformas. Quem trabalha com plataformas, aqui, sabe que cada plataforma... Num primeiro momento vamos ter que contratar sondas e são quase 700 milhões de dólares cada sonda. O Brasil, depois, vai precisar de muitas plataformas. O Brasil precisa construir 200 navios de apoio de petroleiros até 2014, 2016, e nós queremos partilhar esse crescimento do Brasil com os nossos parceiros vizinhos.

Por isso é importante o encontro dos nossos empresários. Ao montar uma fábrica num determinado local, é preciso que uma parte do componente seja construída em outro país, porque não interessa a um país como o Brasil ou como a Colômbia ser rico, tendo em volta de si países mais pobres. É importante que a gente cresça juntos, que as oportunidades sejam iguais, que os nossos trabalhadores tenham a mesma oportunidade de mercado de trabalho.

Somente com uma visão integradora da América do Sul, sem barreiras, sem fronteiras, respeitando a soberania de cada país, é que nós poderemos construir esse novo marco de desenvolvimento do nosso continente.

Eu estou convencido de que nós não temos o direito de permitir que



nenhum problema interno em cada país – e todos nós temos muitos – impeça a nossa visão de integração, a nossa visão de investimentos mútuos entre os nossos países e os nossos empresários.

Quero terminar dizendo ao presidente Uribe: eu tenho mais dois anos e seis meses de mandato. Graças a Deus, estamos fazendo no segundo mandato muito mais do que no primeiro. Estamos mais experientes, temos mais dinheiro, mais solidez na economia, mais controle da máquina pública, mais projetos. Por isso, Uribe, nós lançamos o PAC, e até 2010 são 504 bilhões de reais em obras de infra-estrutura, em ferrovias, em rodovias, em portos, em aeroportos, em saneamento básico e em urbanização de favelas.

Aliás, no Complexo do Alemão, que é uma grande favela, no Rio de Janeiro, o governador veio copiar o trabalho que vocês fizeram num bairro aqui, com teleférico e tudo, e o governo federal está financiando para que lá no Complexo do Alemão a gente faça mais ou menos o mesmo modelo. Já começamos as obras, vai ter teleférico, vai ter biblioteca, vai ter delegacia de polícia, vai ter local de trabalho, vai ter escola profissional. Nós queremos que o Estado brasileiro, que é o responsável pela criação desses núcleos de miséria e também de abandono, combata a violência não apenas com a polícia, mas com a presença do Estado lá dentro, levando energia, água, lazer, cultura, educação, e também segurança.

Eu digo, Uribe, que no Brasil nós estamos fazendo um processo de reparação. Quando eu chego numa favela, no Brasil, e fico sabendo que há 40 anos aquilo era uma fazenda, uma grande fazenda, eu fico imaginando a irresponsabilidade daqueles que permitiram, nos últimos 50 anos, a construção da quantidade de favelas que nós tivemos e temos no Brasil.

Poder-se-ia dizer que é um problema econômico. Poder-se-ia dizer que é falta de crescimento. Mas, certamente, entre todas as hipóteses que nós fizemos tem uma: é o desprezo e o desleixo de uma parte da elite política do meu país que, historicamente, não levou em conta as questões sociais, não



levou em conta o enfrentamento dos problemas que nós poderíamos ter resolvido no nascedouro.

Portanto, estou feliz com esta vinda minha aqui, Uribe. Feliz por dizer ao Brasil, à Colômbia, à América do Sul que não existe nada, absolutamente nada – a não ser uma decisão soberana da Colômbia, a não ser que ela não queira – que vá impedir que Brasil e Colômbia se transformem em dois grandes parceiros, com boas relações políticas, com boas relações comerciais e, eu diria, com boas relações...

(\$211B)